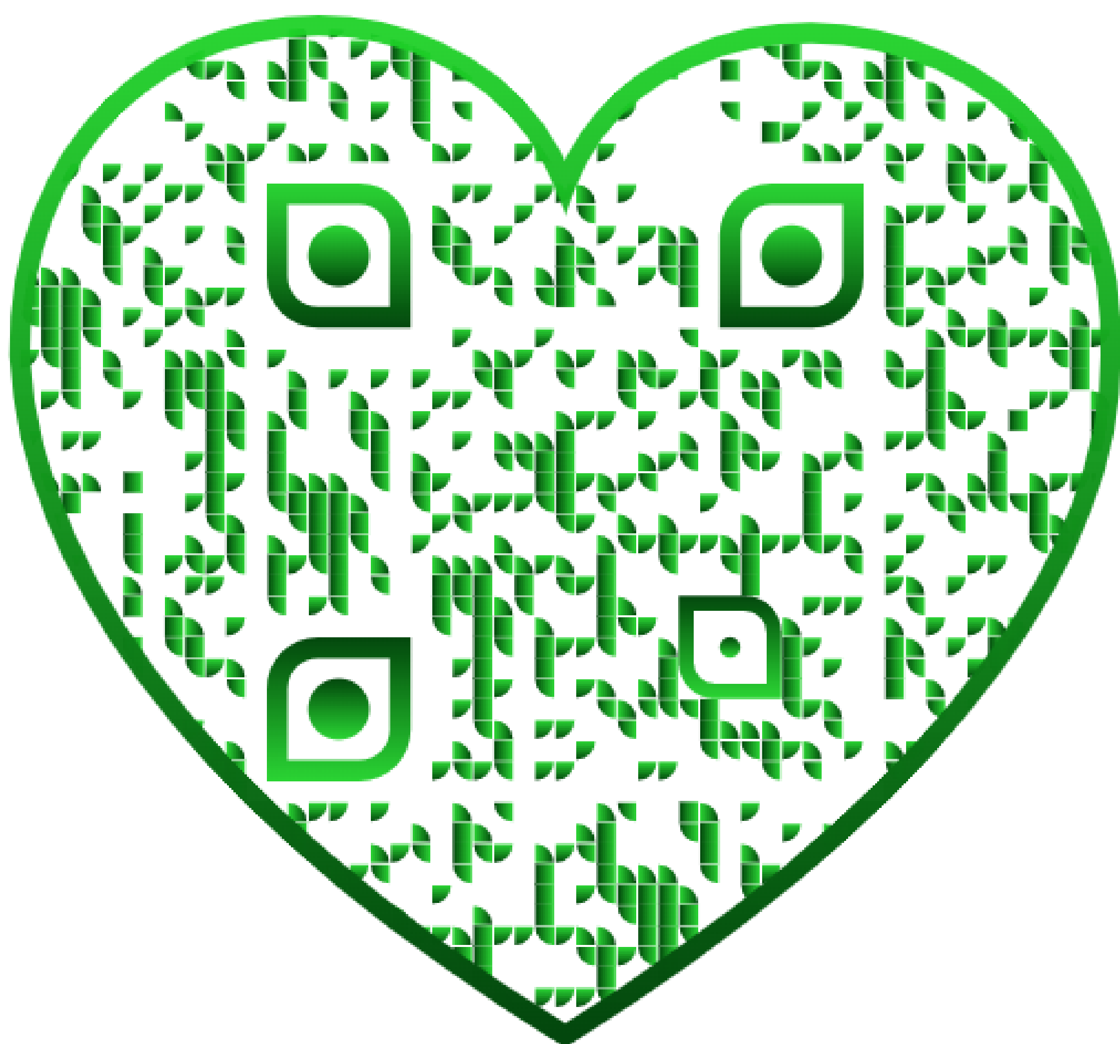
MUSA

Felipe Blanco



virtualbooks



Musa

Felipe Blanco

Belém - Pará
1999

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria imensamente de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições:
Vbooks02@terra.com.br
Estamos à espera do seu e-mail.



www.terra.com.br/virtualbooks

Sobre os Direitos Autorais:
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se algum suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: favor avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br, para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.

Musa

À Jane Freitas,
pela paciência e sobretudo por nossa amizade;
Adriana Pacheco,
minha amiga-irmã de hoje e sempre:
Vocês são as musas que inspiram o meu trabalho e a minha vida.

"Amor é um sentimento absurdo e magnífico, entre o mal profundo e o bem supremo."

Denis de Rougemont.

1

Há muito tempo que a capital paraense não via um espetáculo como aquele, sobretudo com uma filha da terra encabeçando e dignificando o elenco. Os jornais de todo o país e até alguns do Velho Continente noticiavam o fato com ardor: "Aborígenes recebem 'musa' do teatro contemporâneo" , noticiou um referindo-se indevidamente à população local, que embora seguisse à risca os costumes pautados na capital francesa, aos seus olhos não passavam de moradores de um lugar exótico e quente, ou meros silvícolas segundo alguns. Mas naquela úmida noite de sexta-feira os belenenses mais abastados pouco davam importância aos jornais e seus comentários, queriam apenas se emocionar diante daquele palco, daqueles atores, daquela "musa".

Domênica Silva era apenas uma moça bonita e educada, que fora instruída pelos melhores professores da cidade, mas que chocou aos pais quando revelou-lhes que seu desejo era tornar-se atriz de teatro; não uma prostituta que usasse fantasias e subisse ao palco , e sim uma legítima amante da arte de representar; que entregasse de fato seu corpo; não aos homens e sim às suas personagens.

Dominique Anquier foi a mulher que surgiu quando a sonhadora Domênica casou-se com um apaixonado milionário francês que mesmo a contragosto aceitou investir na carreira artística da mulher. Desde então a estrela desta jovem não cessou seu brilho transformando-a em uma atriz de respeito. Os franceses curvaram-se perante a "madame" Anquier, uma perfeita combinação de talento e beleza. Depois vieram os alemães, os belgas e os ingleses e nenhum deles ousava manifestar opinião contrária. Morria a sonhadora Domênica, nascia a "musa" Dominique Anquier.

2

Desde cedo que se esgotaram todos os ingressos para a apresentação daquela noite. Mais uma vez o majestoso Teatro da Paz receberia a sua capacidade máxima de espectadores. E para aquela última noite de espetáculo compareceram dezenas de pessoas ilustres, incluindo o próprio intendente de Belém, o senhor Antônio José de Lemos, que fez questão de prestigiar aquela última apresentação.

Chega a hora do espetáculo, e a última badalada soa. As pessoas já estão todas postas em seus lugares e tem início a apresentação. Antes mesmo das cortinas se abrirem a platéia podia ouvir um suave canto ecoar pelo teatro. Eis que uma jovem de feições tipicamente européias surge no palco e começa a conversar consigo mesma por um longo período, até que um senhor de bigodes lustrosíssimos entra em cena. O casal dialoga por alguns instantes e Dominique, ou "mademoiselle" Anne – personagem título da peça- aparece fulgurante no palco. Chovem aplausos e a atriz é obrigada a interromper sua fala para receber os aplausos animados do público, prosseguindo ao término das aclamações, decorrendo a peça tranqüilamente até o fim do primeiro ato. Diante do entusiasmo da platéia – numerosas senhoras trajando modelos caros, trazidos de Paris ou copiados de revistas de moda famosas na Cidade-Luz, acompanhadas de senhores igualmente pomposos – qualquer pessoa que não conhecesse a realidade daquela gente impecável, afirmaria com toda convicção possível que se não todos, mas pelo menos a maioria daquelas pessoas conheciam perfeitamente o idioma francês e dele faziam recitações cotidianas. No entanto, apenas poucos dos presentes tinham alguma noção de tal língua, mas mesmo assim agiam como se a tudo que diziam os atores eles pudessem entender. Algo totalmente relevante para os nobres habitantes daquela Paris, a "Paris dos trópicos".

Teve início o segundo ato e a primeira cena era com Dominique e a interlocutora conversando animadamente. Ambas sorriam e faziam gestos e expressões engraçadas. O público sorria alegre. Contudo, alguns gritos chamaram a atenção da platéia e das atrizes no palco. Logo em seguida um disparo e um corpo despenca do paraíso sobre as pessoas no balcão. O pânico toma conta de

todos, inclusive das duas atrizes em cena. Aquela noite que deveria ser de glamur e aplausos incessantes, agora era de medo e terror. E sequer passou pela cabeça de qualquer um dos espectadores que aquela apresentação não chegaria ao fim.

3

No camarote oficial, reservado às grandes autoridades, o comissário Luís Pedrosa tratava de acalmar a todos e pedir que não saíssem dali. Ao olhar em direção à cadeira da platéia onde minutos atrás vira seu companheiro de trabalho Carlos Rocha, notara que ela estava vazia, e se bem o conhecia ele já estava a caminho do paraíso para tentar capturar o criminoso.

Imediatamente após o corpo ter caído, o investigador Carlos Rocha correu até o paraíso da sala-de-espetáculos. Empurrando qualquer um que o impedisse o ato do dever a cumprir, Carlos foi a primeira pessoa a chegar ao local, mas nada encontrou. Em seguida, chegaram sete policiais aos quais Carlos deu ordem que isolassem o andar e fizessem uma busca rigorosa. Seguiu até a platéia onde encontrou o comissário examinado o corpo. Pedrosa já havia ordenado que todos se dirigissem para o "foyer" do teatro, podendo assim aprimorar sua especulação. Pediu que chamassem o legista, não havia nada mais a ser feito, a mulher fenecera.

Os cinco atores do elenco foram obrigados a permanecer no camarim de Dominique por ordem do comissário. Todos estavam muito aflitos e sem compreender direito o que acontecia. A polícia cercara os bastidores para segurança do elenco. Quem teria estragado aquela que deveria ser a última apresentação? Ninguém fazia idéia.

Somente duas horas depois, a polícia liberou as saídas do teatro. Muitas pessoas foram ouvidas mas ninguém vira nada de suspeito. A vítima era Heloíse Dumont, esposa do empresário e amigo íntimo de Dominique Anquier, sr. Bartolomeu Dumont. Ambos ocupavam com a senhorita Aline de Marsay, secretária particular de Dominique, a frisa de número dezoito. E segundo a secretária, o casal deixou o local minutos antes de Heloíse Dumont ser assassinada.

A polícia não conseguiu ouvir o depoimento do marido da vítima naquela noite. Bartolomeu Dumont estava seriamente abalado com a morte da esposa e retornou para a casa de Dominique Anquier junto com a atriz. Porém, na manhã seguinte o empresário seria ouvido.

Já aos primeiros raios de sol, um guarda vigiava a porta do elegante sobrado onde vivia Dona Marta Silva, mãe de Dominique Anquier, na avenida Quinze de Agosto. Ali estavam hospedados a atriz, sua secretária e o casal Dumont. Quando Bartolomeu tentou sair para providenciar o enterro de sua

esposa foi impedido pelo guarda à porta; todos deveriam permanecer dentro da casa até que o investigador viesse interrogá-los.

-Que absurdo! Eu vou sair queira o senhor ou não – esbravejou o empresário.

-Por favor senhor, não me faça agir com brutalidade – preveniu o guarda pondo a mão em seu instrumento de medo e terror.

-Ouça o moço, seu Bartolomeu – pediu a empregada que o acompanhara até a porta. – Tenho certeza de que o investigador não vai demorar, não é, seu guarda?

-Provavelmente, senhora.

Empresário e criada entraram. Ele se atirou sobre uma poltrona e ficou a mirar um vaso com rosas sobre uma mesinha ao canto da sala. A esposa adorava flores, principalmente as que vira no Museu Emílio Goeldi, espécies que só cresciam em climas quentes e úmidos e que até então só conhecera nos livros de botânica. Ele não conseguia aceitar o fato de que agora ela estava morta. Gostava da esposa, embora estivessem tendo alguns desentendimentos. Entretanto, em meio à tristeza pela morte brutal dela, uma alegria brotou em seu pensamento: recuperara sua liberdade. Sem Heloíse no caminho, tudo ficava mais fácil para ele, suas chances cresceriam em dobro. Porém, aqueles eram planos futuros. Primeiro deveria cuidar do funeral da esposa e de responder às perguntas da polícia. Uma coisa de cada vez.

Alheio ao que se passava a sua volta o empresário nem se deu conta de que a criada abriu a porta para o investigador Carlos Rocha. Foi a voz dele que o interrompeu:

-Sr. Dumont?

-Hã, quem é o senhor?

-Sou o investigador Carlos Rocha; fui encarregado de cuidar do assassinato de sua esposa. Vim fazer-lhe algumas perguntas – falou o policial andando para o centro da sala, perto do empresário.

-Sente-se. – falou Bartolomeu indicando o sofá.

O investigador sentou na beira e perguntou:

-Ontem à noite no teatro o senhor e sua esposa ocupavam quais lugares?

-Estávamos em um camarote da primeira fileira junto a senhorita de Marsay.

-Junto a quem?

-A senhorita Aline de Marsay, a secretária particular de minha amiga Dominique.

-Ah sim, desculpe-me – disse o investigador simulando um branco na memória. – Foi justamente a senhorita de Marsay que disse que pouco antes do crime o senhor e a sua esposa deixaram o camarote. O senhor pode me dizer aonde foram?

Bartolomeu respirou fundo:

-Sim. Heloíse pediu-me que a acompanhasse até o "toilet", eu a deixei à porta e segui para os bastidores. Porém antes de chegar lá um contra-regras do teatro veio falar comigo, pediu-me algum trocado, mas eu recusei.

-E o senhor ía fazer o que nos bastidores?

-Verificar se tudo decorria tranqüilamente – respondeu Bartolomeu um tanto evasivo.

-E precisavam de alguma coisa?

-Eu não cheguei até os bastidores. O tal contra-regras insistiu por muito tempo para que eu lhe desse dinheiro; segurava-me pelo braço e fedia a cachaça. Eu ía inclusive aproveitar para reclamar à diretoria do teatro por permitirem que um funcionário trabalhasse naquele estado.

-E por que não foi?

-Porque foi quando...o senhor sabe, Heloíse...

-Entendo –falou o detetive – E o senhor poderia descrever esse homem com o qual o senhor conversou na noite passada?

Bartolomeu não imaginava que o investigador fosse pedir uma descrição do tal sujeito. E agora, o que faria? Não havia contra-regras algum, ele não encontrara ninguém em seu caminho, nem a pessoa que ele procurava. Mesmo assim arriscou e fez uma descrição vaga e que se encaixaria perfeitamente em várias pessoas: pele morena, estatura mediana, cabelos e olhos escuros, magro. O próprio investigador Rocha se encaixava nela. Quem sabe não encontraria algum contra-regras com aquelas características.

Carlos Rocha anotou com as palavras do empresário em sua caderneta e perguntou:

-Sua esposa não tinha inimigos, sr. Dumont?

-Heloíse? Absolutamente. Ela era cercada de amigos, muitos até.

-O que o senhor quer dizer com "muitos até" ?

-Nada de mais. A verdade é que minha esposa não possuía desavenças com ninguém – garantiu o empresário, desviando o olhar novamente para o vaso com rosas no canto da sala.

-Eu acredito já ter tomado seu tempo o bastante, sr. Dumont – disse o investigador. – Em breve chegará para o senhor uma intimação para que compareça à delegacia central.

-Isso não foi o suficiente?

-Claro que sim. Será apenas para oficializarmos o seu depoimento. Eu vou levar o guarda comigo e o senhor poderá enfim sair – falou Rocha – Obrigado pelas informações, sr. Dumont. Nós não vamos descansar até solucionarmos esse caso.

-Já ouvi muito essa frase – afirmou Bartolomeu.

-O senhor não aceita uma xícara de café, senhor...

-Rocha, Carlos Rocha – respondeu o investigador admirado vendo descer das escadas uma belíssima jovem de pele clara e radiantes olhos azuis.

Bartolomeu a apresentou ao investigador:

-O senhor conhece Dominique?

-Ainda não havia tido a honra de conhecê-la pessoalmente – respondeu o detetive, encantado.

Dominique estendeu a mão e o policial a levou aos rubros lábios:

-É um prazer, senhorita Anquier.

-Obrigada. Como ía dizendo, o senhor não aceita uma xícara de café?

-Não, obrigado; eu já estava de saída.

-Que pena. Desde ontem à noite que eu venho abusando das xícaras de café. Também, como eu saberia que... – falou Dominique em um tom lânguido.

-A sra. Dumont era muito apegada à senhorita? – perguntou Carlos.

-Não tanto, mas o suficiente para deixar-me abalada.

-Compreendo. E a senhorita não notou nada de diferente nos bastidores ontem à noite no teatro?

-Não, tudo estava como sempre.

-Muito bem. Sendo assim, obrigado e desculpem-me pelo incômodo. Acredito em que ainda há muito o que se providenciar. Com licença – falou o investigador se dirigindo à porta. A criada chamada por Dominique o acompanhou. Mal ela se retirou, a patroa se dirigiu ao empresário:

-Você contou a ele que ultimamente as brigas estavam sendo constantes entre vocês dois?

-Não, por quê?

-Nada, curiosidade. Vamos tomar um pouco de café, só para nos aliviarmos e fortalecermos.

-Pois então vá atrás desse contra-regras. Eu quero esse caso resolvido o mais rápido possível, Rocha – ordenou o comissário ao investigador após esse ter-lhe contado sobre o que Bartolomeu Dumont lhe disse. Só não contou sobre o fascínio que sentiu ao deparar-se pessoalmente com Dominique Anquier. Saiu da sala do chefe e foi para a sua mesa cuidar de alguns papéis.

4

O laudo sobre a morte de Heloíse Dumont não demorou a ficar pronto: dois tiros à queima roupa de revólver calibre vinte e dois, e nenhuma impressão digital do assassino. E as últimas esperanças

de Bartolomeu Dumont cessaram.

O enterro de Heloíse Dumont foi muito simples. Compareceram, além do marido e de Dominique, alguns amigos da atriz e os integrantes do grupo de teatro. O investigador Carlos Rocha chegou no final da cerimônia e preferiu acompanhar de longe. Naquele fim de tarde tudo era triste naquele cemitério.

Bartolomeu contemplava o caixão da esposa sendo depositado na cova com atenção, sem um desvio de olhar sequer. Dominique e a mãe estavam logo atrás do empresário; ao lado dele a secretária da atriz, que assim que começaram a fechar a cova, segurou firme a mão de Bartolomeu enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto dela.

Na manhã seguinte, o investigador chegou à casa de Dominique Anquier junto com um outro senhor. O homem era alto e não aparentava Ter mais de cinqüenta anos, talvez até menos. Trazia na mão uma maleta preta e olhou desconfiado para o investigador.

-Quem é o senhor? – perguntou Carlos ao homem.

-Sou o médico da família. E o senhor?

-Polícia.

O médico balançou a cabeça entendendo que o investigador deveria estar ali por causa do assassinato de Heloíse Dumont. A empregada abriu a porta e nem deu atenção ao policial, tratou de puxar o médico pelo braço afobada e deixou que Carlos fechasse a porta por ela.

-Que bom que o senhor veio logo, doutor – falou a criada – A dona Marta está ruim desde ontem à noite, mas só hoje ela nos contou. A dona Domênica está lá em cima com ela.

O médico subiu a escada e tomou a direção do quarto de sua paciente. A criada já ía subindo também quando se lembrou do investigador:

-Ai meu senhor, desculpa por me esquecer do senhor, é que a patroa não está bem – repetiu a mulher – Com quem o senhor quer falar dessa vez?

-Eu gostaria de falar com a senhorita Dominique Anquier, mas como a mãe dela está...

-Minha mãe já está em boas mãos, senhor Rocha – interrompeu Dominique descendo a escada – Josefa, suba e vá ver se o Dr. Fernandes não está precisando de nada.

A criada obedeceu imediatamente.

-O que o senhor deseja comigo?

-Bem, fazer algumas perguntas. Posso?

-Claro, sente-se.

Os dois tomaram seus lugares e Rocha principiou:

-Eu vou ser direto. A senhorita acredita que o seu empresário possa ter tido motivos para assassinar ou mandar alguém assassinar a esposa dele?

Dominique conteve uma gargalhada.

-Bartolomeu? Acho improbabilíssimo, senhor. Porém, como nada é impossível...

-Seja mais clara, por favor. A senhorita acha que seu empresário possa Ter cometido esse crime?

-Bom, se o senhor acha que briguinhas de casal possam culminar em homicídios...Mas eu acredito piamente que não. Bartolomeu e Heloíse vinham discutindo muito ultimamente, mas nada grave. Bartolomeu sempre foi muito ciumento, achava que qualquer homem que olhasse para a esposa dele já a roubaria. Se bem que Heloíse muito contribuía para isso.

-A senhorita sabe se ela chegou a trair o marido?

-Heloíse? Certeza eu não tenho, mas até com o médico que está lá em cima cuidando de mamãe – e a atriz abaixou o tom de voz – ela chegou a trocar olhares que só as mulheres solteiras costumam trocar.

-Como se chama mesmo o doutor?

-Luís Fernandes. Ele é um bom homem. Nós nos conhecemos em Paris, mas mamãe e o pai dele já se conheciam de longa data.

-E a sra. Dumont também o conhecia desde Paris, Srta. Anquier? – quis saber Carlos.

-Sim. Conheceram-se pouco depois do casamento dela com Bartolomeu. Acredito que mesmo se Heloíse ainda fosse viva, seu casamento não duraria muito. Bartolomeu era muito diferente dela e vice-versa. Definitivamente, Heloíse não era a mulher ideal para Bartolomeu – sentenciou a atriz.

-E quanto ao senhor Dumont, ele não tinha outras mulheres?

-O que o senhor faria no lugar dele: agüentaria a esposa ou buscaria outra mulher? Bartolomeu escolheu a segunda opção. E é por isso que eu digo que o casamento deles não duraria muito tempo.

Carlos notou que a expressão do rosto de Dominique era de pura ironia, parecia que à atriz agradava a morte de Heloíse Dumont. Mas quando perguntou se aquilo que ele estava pensando era verdade, ela tratou logo de mudar de assunto:

-Não é verdade. A propósito, como andará mamãe? Essa maldita asma parece que não a deixará em paz nunca!

-Onde está o sr. Dumont? – perguntou Carlos Rocha.

-Acho que saiu cedo, não o vi hoje. Por quê?

-Eu preciso ir. Muito obrigado, Srta. Anquier.

Carlos deixou rapidamente a casa da atriz e seguiu para a delegacia central a fim de saber se o chefe tinha novidades sobre o caso, todavia, nada obteve de novo a não ser o que a atriz havia lhe contado.

-Acho bom ouvirmos o que tem a dizer esse médico, Rocha – falou Pedrosa apagando seu cigarro – Ele talvez saiba de alguma coisa que possa nos ajudar.

-Se o Dr. Fernandes teve de fato algum envolvimento com a esposa de Bartolomeu, isso aumenta as suspeitas sobre o empresário.

-Belém, Belém, já foste mais tranqüila... – suspirou o comissário com um ar saudoso, provavelmente relembrando os tempos de criança, tempos em que percorria o terreiro da casa de seu pai e apenas sonhava em tornar-se um policial.

Bartolomeu entrou com um ar de preocupação no quarto de Aline de Marsay. A secretária ajeitava a gola do vestido diante do espelho.

-O que houve? – perguntou a secretária em francês ao empresário.

-Fiquei sabendo que aquele investigador esteve aqui de novo.

-E daí? – perguntou a moça demonstrando tranqüilidade.

-Você não tem medo que descubram?

-Não. E se descobrirem, o que você ou eu poderemos fazer a não ser lamentar? – falou Aline – Fique calmo, querido. Tudo correrá sem o menor transtorno para nenhum de nós – completou acariciando a face de Bartolomeu. Depois disse: – Agora vamos, senão podem desconfiar.

Aline de Marsay demonstrava mais calma do que realmente sentia. Em seu íntimo ela não estava tão segura assim. Temia que a polícia viesse a descobrir seu envolvimento com Bartolomeu e temia algo mais...

Ela e Bartolomeu saíram para tratar de assuntos de trabalho, ou seja, a carreira de Dominique Anquier. Foram até o hotel onde estavam hospedados os outros integrantes da peça e de lá seguiram para a agência de telégrafos. No caminho, um frio e breve cumprimento ao Dr. Fernandes, fato presenciado por um jovem esguio e de olhar atento chamado Cristóvão, que trabalhava vendendo jornais cujo irmão era o investigador Carlos Rocha.

-Se alguém se dirigisse daquele jeito para mim... – comentou Cristóvão em casa com o irmão logo após o jantar.

-E como sabes que o homem na rua era Bartolomeu Dumont, Cristóvão?

-Ora Carlos, e eu por acaso não vendo jornais? O rosto dele não sai das manchetes. Era ele sim – afirmou convicto o irmão do investigador.

-Se assim dizes...

-Cristóvão, querido, venha fazer um favor para sua mãe! – chamou a mãe dos dois, que estava na cozinha.

O filho caçula levantou-se imediatamente para atender o pedido da mãe. Carlos permaneceu no sofá pensando no que o irmão lhe relatara.

5

Quase um mês se passou e pouco se apurou a respeito do assassinato de Heloíse Dumont. Os demais integrantes do espetáculo de Dominique Anquier já haviam partido para o Rio de Janeiro de onde seguiriam a navio para a Europa, permanecendo, como fora combinado desde Paris com o grupo, apenas Dominique e seus dois empregados: Bartolomeu e Aline de Marsay.

O próprio investigador Carlos Rocha fizera questão de ir pessoalmente intimar o médico Luís Fernandes em seu consultório. Caminhava um dia o investigador pela Conselheiro João Alfredo quando em frente a "O Propheta", uma loja onde as damas da cidade costumavam comprar artigos de luxo, deparou-se com Dominique Anquier que acabara de sair da loja. Assim que o viu, a atriz sorriu cordialmente:

-Passeando, investigador?

-Infelizmente não, senhorita Anquier. Mas bem que gostaria – disse ele meio sem jeito – Fez boas compras? – perguntou fitando o embrulho que Dominique trazia na mão.

-Embora tentem, as lojas daqui ainda não são totalmente iguais as de Paris. Além do mais, as pessoas sempre me olham como se eu fosse algo irreal.

-Elas não estão acostumadas a cruzar com pessoas famosas nas ruas. – galanteou Carlos.

-Percebi. Será que o senhor está tão ocupado que não lhe resta tempo livre para tomar um cafezinho comigo? – convidou Dominique.

Carlos não podia recusar um convite daqueles e seguiu com Dominique até um café próximo dali. Sabia que seu chefe ficaria furioso, mas dele cuidaria depois. No momento o que importava era a dama sentada à sua frente. O fascínio que sentia por ela era cada vez maior. Às vezes Carlos encontrava-se pensando nela durante o serviço ou nas horas vagas, e cada vez com mais freqüência, o que chegava a preocupá-lo.

O garçom serviu os cafés e cumprimentou Dominique com um sorriso, ignorando o investigador. Tomaram um gole e atriz falou:

-Como andam as suas investigações, detetive Rocha?

-No momento, estão paradas. Mas investigo com afinco o sumiço de algumas galinhas de um vereador. Ordens são ordens – respondeu Carlos com deboche.

-Mas isto é ridículo! Sei que Heloíse não valia grande coisa, mas daí a ser sua morte menos importante que o roubo de galinhas! Preciso fazer meus contatos. Um crime bárbaro como esse não pode ficar impune. Convenhamos

que o assassino foi esperto, não deixando nenhum rastro, mesmo assim, por ser um caso complexo, merece toda a atenção da polícia.

-Mas diante de outros casos, este está até um pouco adiantado. O depoimento do Dr. Luís Fernandes foi de grande importância – comentou Carlos tomando mais um gole de café.

-Fernandes depôs?!

-No começo do mês – informou o detetive. E abaixando o tom prosseguiu: – E lamento dizer-lhe isto, mas as suspeitas sobre Bartolomeu Dumont aumentaram ainda mais. O médico confessou ter tido um caso com a senhora Dumont.

-Meu Deus! – exclamou a atriz.

Carlos fez sinal para que ela não chamasse a atenção das outras pessoas no café. Ela parecia muito abalada com a notícia.

-Será que hospedo um assassino dentro de minha casa? Mas Bartolomeu nunca demonstrou ser uma pessoa violenta. Ele sempre foi tão meigo comigo e até com Heloíse.

-Desde que se conheceram?

-Sim. Desde que o conheci no Rio de Janeiro. Nós nos conhecemos através de uma amiga em comum em um restaurante, dias antes de embarcarmos para Paris. Foi uma coincidência incrível; viajamos no mesmo navio, chegamos até mesmo a ficar noivos e nunca ele sequer levantou a voz para mim – revelou Dominique entristecida.

-Noivos?!

-Faz algum tempo que isso aconteceu. Depois percebemos que tudo não passava de um equívoco e me casei com o Sr. Anquier. Meses mais tarde, ele conheceu Heloíse. Não, Bartolomeu não pode ter feito isso, ele não pode ser um assassino...ou pode? – perguntou-se a atriz temerosa com uma possível resposta afirmativa da parte de Carlos.

-É isso que a polícia está investigando, senhorita.

Conversaram mais um pouco e logo seguiram direções contrárias. E mais uma vez Carlos ía com o pensamento fixo em Dominique Anquier.

Você soube que Fernandes depôs sobre a morte de Heloíse? – perguntou Dominique ao empresário, que ao ouvir a pergunta, levantou-se de imediato do sofá onde estava sentado com a secretária da atriz.

-Fernandes?!

-Encontrei-me hoje com o investigador do caso e ele me contou que com o depoimento de Fernandes a sua situação piorou muito.

Dona Marta, que antes da entrada da filha na sala de estar travava uma conversa com Bartolomeu e Aline, perguntou, incrédula, se aquilo era verdade.

-O investigador Rocha não parecia estar blefando, mamãe – retorquiu a filha.

Entretanto, a velha senhora permanecia cética quanto à notícia.

-Aquele maldito! – esbravejou Bartolomeu mal conseguindo conter sua ira – Mas ele não vai me ver atrás das grades, não vai!

Há muito tempo que Luís Fernandes não conversava com seu velho amigo de infância José Alves, respeitado funcionário do Paço Municipal; além de assessor, amigo pessoal do intendente Lemos. Tendo uma consulta desmarcada, aproveitou a ocasião para sair mais cedo do consultório e visitar o estimado amigo. Passou o médico cerca de duas horas na suntuosa residência do amigo, situada próxima à Praça Batista Campos. Às nove horas despediu-se e seguiu a pé até a Quinze de Agosto, antiga Travessa das Mirandas. O médico chegou a conhecer alguns membros da ilustre família que deu nome à rua hoje batizada com a data adesão da província do Grão-Pará à independência do Brasil, que embora tenha ocorrido em setembro de 1822, na província só foi aceita em quinze de agosto de 1823.

Assim que deixou a casa do amigo, lembrou-se que havia esquecido dentro de sua gaveta do consultório algumas promissórias que deveriam ser pagas com urgência, no dia seguinte, e decidiu ir até o local de trabalho para apanhá-las. E como àquela hora o bondinho demorava muito para passar, resolveu ir a pé. Porém o que não esperava era que alguém o estivesse seguindo.

O consultório funcionava em plena Conselheiro João Alfredo nos altos de uma loja de tapetes de um velho iraquiano. Subiu até o consultório, apanhou as promissórias e desceu em seguida, ficando à porta da loja aguardando o meio de locomoção passar por aquela rua precariamente iluminada por lampiões e naquela noite, pela fulgurante e misteriosa lua.

Subitamente, um coche que descia a rua rumo à Praça do Relógio parou diante do doutor. A princípio o médico não reconheceu quem dirigia o coche, pois uma pesada capa de veludo negro com uma carapuça ocultava-lhe o rosto, contudo, ao descer do carro a luz da lua revelou o suficiente para que Fernandes pudesse reconhecer aquela pessoa. Ía perguntar-lhe o que fazia àquela hora da noite ali, mas um tiro na testa não deixou que ele pronunciasse o que intencionava.

A pessoa que disparou subiu imediatamente no coche e sumiu instantes depois pelas ruas do centro de Belém.

-Carlos, acorde! Carlos!

Cristóvão não poupava forças para esbofetear a cara do irmão a fim de que ele despertasse. Carlos se levantou rapidamente e agarrou o irmão pelo braço fortemente.

-Isso são modos de acordar seu irmão, moleque?

Porém Cristóvão foi mais ágil e se soltou facilmente.

-São oito horas!

-E daí? Avisei que chegaria mais tarde ao serviço hoje. E afinal, o que estás tu fazendo aqui? Não deverias estar trabalhando? – questionou o investigador.

-Não te contei que arranjei outro emprego? Vou trabalhar na alfaiataria do seu Aphonso – explicou o jovem – Já estava de saída quando chegou teu chefe.

-Pedrosa, aqui?

-Lá na sala. Apronta-te rápido que ele está com pressa.

Carlos aprontou-se o mais rápido possível e foi encontrar-se com o comissário na sala de sua pequena casa.

-Bom dia, Pedrosa. O que houve?

-Bom dia, Carlos. Novidades: o corpo do Dr. Luís Fernandes foi encontrado na porta do consultório dele agora cedo.

-O quê?

-Um tiro na testa.

Na central de polícia, Pedrosa terminou de relatar o ocorrido. Ninguém sequer ouvira o disparo que eliminou a vida do médico Fernandes e por pouco não elimina a de D. Marta Silva, que ficou profundamente abalada com a notícia.

6

Aline de Marsay pôs-se de pé assim que o investigador Carlos Rocha entrou na sala da casa de Dominique Anquier.

-O que deseja, "monsieur" ? – perguntou a moça, revelando não ter ainda muita intimidade com o idioma português.

-Gostaria de falar com o Sr. Dumont.

-Ele não está.

-Eu sei, a criada já me informou. Posso me sentar?

-"Oui" – respondeu a moça indicando com a mão uma poltrona.

Carlos sentou-se e perguntou sobre Dominique.

-Ela está cuidando de sua mãe – respondeu Aline pedindo licença em seguida para se retirar com o propósito de ajudar Dominique.

Carlos já havia visto a secretária da atriz antes, todavia, só então a observara com calma. A semelhança entre secretária e patroa era bastante

acentuada, apenas o cabelo de Aline era um pouco mais claro e liso que o de Dominique.

Pouco tempo depois chegou Bartolomeu Dumont.

-O senhor outra vez? – estranhou o empresário.

-Sei que minha presença não é muito agradável, mas tenho que fazer-lhe algumas perguntas...

Dias antes, Carlos Rocha estivera no Teatro da Paz procurando o suposto contra-regras descrito por Bartolomeu Dumont. Contudo, nenhum deles – branco, moreno, negro ou índio – apresentara-se bêbado no serviço no dia da morte da esposa do empresário e também nenhum deles conversou com Bartolomeu Dumont durante as três noites de espetáculo.

Dominique Anquier desceu à sala durante a explicação do detetive ao empresário de que não havia o suposto contra-regras. Preferiu não interromper a conversa.

-E além disso – continuou Carlos –, em seu depoimento o doutor Luís Fernandes afirmou Ter mantido relações íntimas com Heloíse Dumont, sua esposa, Sr. Dumont. Sendo assim...

-Sendo assim o senhor vai me prender? Pois bem, aqui estou! – protestou Bartolomeu de maneira irônica.

-Infelizmente ainda não possuo provas concretas contra o senhor.

-Nem as possuirá, senhor – interrompeu Dominique, enfim – Tenho certeza que Bartolomeu não faria nunca algo tão bárbaro.

-Perdão, senhorita – pediu o policial –; não havia notado sua presença.

-Eu é que peço desculpas por chegar sem me anunciar – retorquiu a moça.

-Tudo bem, Dominique. O investigador Rocha e eu estávamos apenas...

-Eu sei, Bartolomeu. Sei o que faziam.

-Bom, se me dão licença, preciso ir até o meu aposento. – falou Bartolomeu – Até agora sou um homem livre, não sou?

-Até agora – respondeu secamente o detetive.

Bartolomeu deixou a sala e Carlos também partiria dali se não fosse a intervenção de Dominique:

-Fique, vamos conversar um pouco.

-Sinto muito, meu tempo é curto.

-Tanto que não pode ao menos trocar algumas palavrinhas com uma amiga?

-Não sabia que éramos amigos.

-Qualquer pessoa que me inspire confiança é minha amiga, detetive. E o senhor me inspira muito mais que isso – comentou a atriz com os olhos fixos nos de Carlos. Este se esquivou o máximo que pode e só conseguiu respirar aliviado depois que deixou a casa da atriz.

A única maneira de esquecer Dominique Anquier, encontrada por Carlos, foi entregar-se às volúpias das prostitutas da Travessa Riachuelo, ainda que em meio ao gozo viesse à mente a face alva daquela linda mulher. Recostado aos fartos seios de Veralinda, prostituta respeitada e conhecida na zona de baixo meretrício, não só pela eficácia de sua corte, quanto pela firmeza de seu caráter – uma mulher que apesar de levar uma vida deplorável às vezes, sempre manteve-se honesta e prestativa –, Carlos Rocha comentou o caso da morte de Heloíse Dumont com a velha amiga.

-Pois tu sabes que esse sujeito já andou por aqui? – revelou Veralinda acariciando o rosto do investigador.

-Bartolomeu Dumont?

-É, esse que tu dizes que deu cabo na mulher. Eu me lembro muito bem de já tê-lo visto por aqui antes. Foi até uma novata que o atendeu. E foi antes desse furdunço todo.

-E tu podes me dar o nome de quem o atendeu?

-Parecia até que era a última vez que estava fazendo – informou uma jovem aparentando não mais que dezesseis anos.

-E como ele se comportou? Quero dizer, ele não falou nada de suspeito? – interrogou Carlos.

-Não. Só pediu para eu fazer algumas coisas "diferentes" e disse que a mulher dele era muito requintada para fazer aquilo e que em breve ía se ver...

-...Livre dela – concluiu a moça de nome Júlia, na central de polícia, oficializando seu depoimento ao comissário Pedrosa, que mais tarde brincou:

-Preciso tomar cuidado com que digo quando fizer uma visita a Riachuelo...

Mas apesar de mais esse depoimento, Bartolomeu não teve seu mandado de prisão expedido pelo juiz da comarca.

7

Dominique e Bartolomeu conversavam na mesa de jantar após terminarem a ceia. Relembravam fatos que presenciaram ou viveram durante o tempo em eu eram namorados em Paris. Tempo esse que nunca se apagou da mente de Dominique. Como D. Marta e Aline já haviam se retirado, puderam conversar mais à vontade. Era imenso o prazer que a atriz sentia conversando com o amigo, apesar das decepções que

tivera por causa dele, e aproveitando aquele momento nostálgico, interpelou-lhe sobre a mais profunda:

-Até hoje não compreendo como pudemos nos separar. Será que você tem uma explicação?

-Mas não nos separamos, Dominique. Apenas deixamos de trocar carícias mais íntimas, só – explicou Bartolomeu, sorrindo.

-Não, Bartolomeu. Depois que rompemos nosso noivado você ficou diferente comigo.

-Eu fiquei? Acho que você está invertendo os papéis. Você passou a sorrir menos, evita-me em algumas ocasiões...Além do mais, deixamos de trocar carícias íntimas apenas por algum tempo, você se esqueceu?

-Mas depois que você conheceu Heloíse... – Dominique quis continuar, mas notou que só de pronunciar o nome da finada esposa do amigo ele se mostrou descontente.

Calaram-se por um instante. Bartolomeu fez menção de que iria falar, porém parecia analisar as palavras antes de dizê-las:

-Eu...eu realmente amei Heloíse. Fiquei louco quando a vi pela primeira vez. Posso dizer que de fato, pelo menos por um tempo, ela foi a mulher da minha vida. Infelizmente, não só da minha vida como também da vida de diversos homens...maldita!

-Vamos mudar de assunto – pediu Dominique.

-Não, eu não quero. Se eu não falar de uma vez agora, sou capaz de explodir. Eu quero falar deste assunto sim. Se você não quiser ouvir, saia; mas que eu vou falar, vou, nem que seja para mim mesmo.

Dominique preferiu ficar e ouvir o desabafo do amigo. Talvez tivesse a explicação que ansiava.

Bartolomeu prosseguiu:

-Eu gostei muito de você, Dominique. Contudo, o que senti por Heloíse foi algo inexplicável e sei que fiquei muito feliz quando ela me correspondeu. Senti-me um garoto que se apaixona pela primeira vez. Namoramos, ficamos noivos e só depois de quatro anos – um de namoro-noivado e três de casados – eu vim perceber, ou melhor, confirmar que ela me traía. Aquilo foi horrível, senti-me imundo, parecia que ela havia me contaminado com sua vileza. Mas ainda assim eu a amava. Mantive relações fora do casamento também, só que não conseguia deixar de amá-la. Por mais que o amor diminuísse com o passar dos dias, ele nunca se esgotava. Nem quando aqui, na sua casa, eu vi os dois – Heloíse e Fernandes – se beijando ardorosos, eu consegui deixar de amá-la. Mesmo já...Ah, esqueça. Ela se foi e em breve o resto de amor que eu sinto por ela também desaparecerá.

-Ainda bem que a nossa última vez foi antes de você conhecer Heloíse, ou então eu me sentiria péssima ouvindo isso tudo – brincou Dominique tentando quebrar a melancolia do amigo.

Ele sorriu brandamente.

-E você já era casada. – relembrou Bartolomeu.

-Confesso que ter me casado não foi a melhor coisa que já fiz na vida. Na verdade deixei-me levar pelo dinheiro de Gaston mais do que por seus dotes físicos, embora ele soubesse me agradar.

-Fala de...? – insinuou Bartolomeu.

-Falo de jóias, roupas e espetáculos bancados por ele, embora Gaston também entendesse do assunto, "mon chèr" – brincou Dominique.

-Confesse que eu fui seu melhor amante, Dominique – falou o empresário cheio de galhardia.

-O único.

Ambos deram uma gargalhada animada. Em seu quarto D. Marta pensava:

"Eu devo estar louca. Aquilo não passou de alucinação. Eu devo estar louca..." .

Após a conversa com Dominique, Bartolomeu resolveu se recolher aos seus aposentos. Acabara de vestir-se quando Aline de Marsay entrou no quarto bastante aflita com os olhos já cheios de lágrimas.

-Abrace-me, por favor – pediu a moça em francês – Preciso tanto de você.

Bartolomeu acolheu-a em seus braços fortemente. Para Aline foi como se uma manta quente e confortante caísse sobre ela e a protegesse de tudo. Sentiu nos braços de Bartolomeu o calor dos lábios dele beijando-lhe a fronte a certeza de que encontrara o abrigo certo para refugiar-se do mal que a afligia: a culpa.

Aline apertou-o forte contra si; passou a mão por todo o seu rosto e fitou-o por um instante e em seguida beijou aqueles lábios que a tanto tempo desejava.

-Aline, nós...

Ela o impediu de falar e começou a despir-se lentamente.

-Não, Aline. Nós ainda não...

-Esqueça, esqueça tudo isso. Esta pode ser a nossa primeira e última vez – sussurrou Aline atirando-se sobre o empresário.

Uma noite de amor igual aquela Aline de Marsay nunca mais teve em sua vida.

Ciúmes? Orgulho ferido? Seria o assassinato de Heloíse Dumont e seu amante um crime passional? Apesar das evidências apontarem que aquele era o

raciocínio exato e que teria motivado as mortes, alguma coisa fazia o investigador Rocha não acreditar piamente. Faltava uma prova concreta contra Bartolomeu e enquanto isso Carlos ainda tinha suas dúvidas. Sentado em sua mesa na central de polícia, ele analisava com calma os fatos. Em suas mãos os depoimentos colhidos, inclusive o de uma das vítimas, o médico Luís Fernandes:

"...Ela sempre se queixava de que ele era ciumento ao extremo de agredi-la em uma de suas crises de ciúme. Já estavam decididos a se divorciarem quando retornassem à Europa e a relação marido-mulher já não mais existia entre eles. ...Ele não tinha certeza de que mantínhamos um relacionamento, embora estivesse desconfiado...Assim que ela se divorciasse dele, eu iria para a França para nos casarmos, pois eu a amava até o fundo da alma..." .

Trecho do depoimento de Aline de Marsay:

"Como eu já disse, estávamos os três em uma frisa quando logo após o intervalo o casal se retirou, deixando-me sozinha por um longo tempo. Então resolvi procurá-los e sequer tinha deixado o andar quando ouvi os tiros...

Eles estavam apenas aguardando o retorno a Paris para oficializarem o divórcio. A relação deles era já muito distante, mesmo assim no fundo ele ainda a amava." .

O depoimento de outras pessoas pouco ou nada ajudavam no caso. Carlos parecia não acreditar muito nem mesmo no do empresário Bartolomeu Dumont. Tinha apenas uma certeza: precisava agir rápido. As pressões sobre o caso eram fortes e exigiam a punição de um culpado, qualquer que fosse.

"Cuidado, Bartolomeu; cuidado...", pensou Carlos guardando novamente os depoimentos.

Pela manhã, D. Marta decidiu ajudar a filha a se vestir. Já havia algum tempo que mãe e filha não tinham um momento de privacidade. Quando chegou no quarto de Dominique, ela já havia se vestido quase por completo, restando à mãe apenas fazer alguns ajustes.

-Prontinho, querida. Elegante como sempre – orgulhou-se a mãe.

-Obrigada, mamãe. – retribuiu a filha com um dócil beijo.

-Filha, Josefa me disse que você saiu ontem à noite com Aline. É verdade?

-Não exatamente. Saímos de casa juntas sim, mas seguimos rumos diferentes. Ela desceu a avenida e eu fui apenas visitar a filha enferma da família que moa ao lado de casa. – mãe e filha já deixavam o quarto rumo à sala de refeições – Foi a própria criada Josefa quem me contou sobre o estado de saúde da menina. Demorei-me porque a família insistiu em oferecer-me um chá com biscoitos e aceitei. Eles são muito simpáticos. Moram aí há muito tempo?

-Acho que há dois anos. E de fato são pessoas bondosas – respondeu D. Marta – São de Bragança, eu sei.

-E têm uma criação de gado por lá. Não esqueça de convidá-los qualquer dia para cear conosco.

-Eu pensarei a respeito.

Chegaram à mesa do café onde tomaram seus assentos.

-Mesmo quando não for muito longe procure tomar cuidado – avisou a mãe – Eu não quero que essa onda de tragédias que está acontecendo lhe atinja.

-Não se preocupe, mamãe.

Serviram-se e Dominique logo terminou seu desjejum. Era costume comer pouco pela manhã. Conversava com a mãe quando alguém tocou a sineta da porta. Chamou pela empregada, porém a mãe advertiu-a de que ela havia saído.

-Precisamos contratar outra criada – falou a filha tomando o rumo da porta.

Ao fim da terceira soada da sineta, a atriz abriu a porta e deparou-se com um rapazote esguio e cujos traços do rosto não lhe eram estranhos. O rapazote trazia um embrulho em papel pardo nas mãos.

-Eu já o conheço de algum lugar – afirmou a atriz.

-Duvido. Embora antes viesse deixar o jornal todas as manhãs aqui na sua casa, nós nunca nos havíamos visto. Eu vim deixar esta encomenda para o Sr. Bartolomeu Dumont. É um terno que ele mandou reformar na alfaiataria que eu trabalho. Já está tudo pago – garantiu o rapaz.

-Ainda assim eu acho que já o vi antes. Como se chama?

-Cristóvão. Acho que a senhorita deve estar me confundindo com meu irmão Carlos. Ele é investigador de polícia e...

-Ah, você é irmão do Sr. Rocha?

-Mas eu não tenho culpa. Agora se me permite, aqui está a encomenda. A senhorita pode entregá-la ao Sr. Dumont? Eu preciso ir.

-Espere que vou buscar-lhe uma gorjeta – falou Dominique apanhando a encomenda. Ela jogou o pacote no sofá e entregou ao irmão de Carlos Rocha algumas moedas que encontrou sobre uma banqueta na sala de estar – Pegue. Dê lembranças ao seu irmão.

-Muito obrigado, senhorita.

-De nada. Adeus – despediu-se fechando a porta enquanto Cristóvão contava o que ganhou. Não era muito, mas servia para alguma coisa.

-Cadê o Lopes? Já passa das onze e nada daquele safado! – esbravejou Pedrosa referindo-se a um dos investigadores. Apesar de não ser querido entre os colegas, Lopes sempre teve duas virtudes: era pontual e ágil no serviço.

Pedrosa ainda bufava em sua sala quando um policial chegou com um olhar cansado.

-E aí, alguma notícia do Lopes? – gritou o comissário.

-Está descansando – respondeu o guarda.

-Descansando? Às onze e quinze da manhã e aquele inútil está descansando?! – o comissário parecia um vulcão em erupção tamanha a sua cólera.

Carlos ía entrando na sala do chefe naquele exato momento e foi a ele que Pedrosa ordenou:

-Tu aí. Vai me buscar o Lopes agora! Quero ver aquele safado descansar aqui na central!

-Relaxa, Pedrosa – falou o outro guarda. – O Lopes está descansando sim, mas é no necrotério.

O comissário quase não acreditou no que ouviu.

-Lopes está morto – repetiu o guarda.

O investigador Lopes era solteiro e morava em uma pensão no bairro da Cidade Velha e como não gostava de ser incomodado seu corpo só foi encontrado quando a dona da pensão foi limpar o quarto acreditando que o hóspede já havia saído para o serviço. E qual não foi sua surpresa ao encontrá-lo degolado sobre a cama.

Depoimento de Olívia Lins, dona da pensão:

"...Eu vi quando ele chegou. Estava sozinho e não estava fedendo a cana. Chegou, eu ;impava uns farelos de pão no tapete, me cumprimentou e entrou no quarto. Eu me lembro bem, eram oito horas da noite...Eu fiquei ali na sala até as onze e ninguém mais entrou. ...Só se entrou alguém enquanto eu fui para a cozinha lavar a louça do jantar..." .

O depoimento de todos os sete hóspedes foi tomado e nenhum deles havia visto ou ouvido nada de estranho.

Mais um caso sem solução...

8

–Voltar para a Europa?! – surpreendeu-se Dominique Anquier ao ser informada da vontade de sua secretária Aline de Marsay – Mas você sabe que no momento isso é impossível, Aline. Eu ainda não terminei de resolver todos os meus problemas. Quero retornar a Paris livre de todos eles.

-Eu também, madame. E é por isso que quero regressar.

Dominique aproximou-se fitando-a com seriedade.

-Você sabe muito bem do que estou falando, não sabe?

-Perfeitamente.

A atriz calou-se acreditando estar encerrada a conversa.

-E por isso mesmo retornarei à França – acrescentou Aline temendo a reação da patroa – Se madame não quiser me liberar, peço minha demissão.

Dominique permaneceu calada, porém seus olhos pareciam trucidar a moça à sua frente. Controlando sua cólera, apenas ordenou que Aline saísse do quarto dela.

Na sala de estar, Josefa servia café para D. Marta e Bartolomeu, que conversavam:

-Sua filha me ajudou muito, D. Marta – falou o empresário pegando a xícara que a empregada lhe oferecia.

-Eu sei disso...Oh, mas este café está por demais quente, Josefa. Antes de servir agora quero que você prove. Assim poderei me consolar sabendo que não fui a única a queimar a língua – falou a patroa.

-E de fato não foi, D. Marta – brincou Bartolomeu.

Seria muita audácia declarar-se a ela? O que fazer se a imagem, a voz e o aroma daquela mulher não saíam da mente dele? Embora tivesse trinta e três anos faltava-lhe experiência quanto a esse assunto. Por várias vezes deitara-se com diversos tipos de mulheres, porém sua relação com elas não passava disso; no máximo criara uma amizade com algumas delas, como era o caso de Veralinda, a primeira mulher com quem se relacionara na vida. Mas o que ele sentia agora era diferente, era mais do que amizade. Carlos começava a crer que finalmente encontrara o amor.

Assim que subiu, Dona Marta chamou a filha para uma conversa.

Bartolomeu saiu tarde para ir refrescar a cabeça na zona do meretrício. Não queria sexo naquela noite, apenas conversar, jogar cartas e beber. O que ele não supunha é que alguém o seguia desde a casa de Dominique Anquier. E para sua infelicidade, dirigiu-se ao mesmo local onde trabalhava a jovem Júlia, que dias antes depora contra ele na polícia.

Um mendigo que todos os dias percorria a Travessa Riachuelo logo cedo, em busca de restos de bebidas que eram deixados nas calçadas, foi quem encontrou coberto de sangue à porta de uma casa o corpo de Júlia.

-Dois cortes profundos de punhal: um logo abaixo do queixo e outro que começa acima do mamilo esquerdo e desce na vertical até a altura do estômago – afirmou o médico legista ao comissário Pedrosa e o investigador Rocha.

-Droga! – esbravejou Pedrosa.

-E tem mais. Ela foi encontrada segurando um pedaço de pano, um bolso de paletó.

-É dele, Pedrosa; eu sei que é dele! – animou-se Carlos.

E de fato as impressões digitais eram de Bartolomeu Dumont...

Dominique lia em seu quarto quando a empregada entrou bastante perturbada dizendo que a polícia viera prender o empresário da atriz. Ela se dirigiu até a sala, onde os guardas já conduziam Bartolomeu.

-Eu sou inocente! Larguem-me! – protestava p empresário.

Dona Marta tentava inutilmente impedir que os guardas levassem o amigo da filha:

-Ele é inocente. Deve estar havendo algum engano. Soltem-no, por favor.

-Mamãe – interveio Dominique descendo a escada –, não se intrometa.

-Mas eles estão levando Bartolomeu!

-Agora não podemos fazer nada, mas eu vou contratar alguém para tirá-lo da prisão. Acalme-se.

Bartolomeu foi levado pelos policiais para a central de polícia. Dominique consolava a mãe enquanto Aline de Marsay chorava no quarto dela indecisa quanto ao que fazer.

-Enfim chegou o grande dia – ironizou o comissário – Fale, Sr. Dumont; fale porque tudo que eu quis por muito tempo foi ouvi-lo.

-Não fui eu quem matou Heloíse, nem Fernandes, nem ninguém! Não sou assassino! - gritou Bartolomeu furioso.

-Não é o que as provas que nós temos nos indicam. – disse Carlos, acrescentando paciente: – Por favor, colabore conosco. Conte-nos tudo o que sabe, tudo.

Bartolomeu ficou calado pensando. Talvez se contasse toda a verdade pudesse melhorar a sua situação. Respirou fundo e começou:

-Tudo bem. Heloíse e eu já não éramos mais um casal. Desde Paris que nossa relação vinha passando por dificuldades. Ela só aceitou me acompanhar nesta viagem porque encontraria aqui em Belém um de seus amantes, o Dr. Fernandes. Eu já desconfiava do envolvimento deles dois, embora só tivesse certeza com o depoimento dele. Pois bem, como á havíamos acertado o divórcio para assim que voltássemos à frança, fidelidade conjugal era algo inexistente entre nós. E assim acabei me envolvendo com a senhorita de Marsay, secretária de

Dominique Anquier, mas preferimos ocultar nossa relação até o divórcio – fez uma breve pausa e continuou: – Na noite da morte de Heloíse, combinamos de assistir à apresentação juntos no camarote, juntamente com a senhorita de Marsay. Pouquíssimo tempo depois de terminar o intervalo, Heloíse pediu-me que a acompanhasse até a porta do "toliet". Eu até chamei a tenção dela, pois o intervalo acabara instantes atrás, mesmo assim eu a conduzi até o local solicitado e disse-lhe que voltaria para o camarote. Na verdade eu gostaria de ficar a sós com Aline. No entanto, eu não a encontrei mais quando voltei ao camarote. Fiquei pensando por onde ela havia saído, já que não a encontrei na volta. Não perguntei aos ocupantes da frisa ao lado pois não havia comunicação; como os senhores devem ter averiguado, ocupávamos o camarote que fica exatamente ao lado do palco. Sentei-me e fiquei imaginando o que acontecera com Aline, porém, logo voltei a prestar atenção ao espetáculo. E foi então que ouvi tiros e...vocês já sabem...Heloíse.

-Sim, sabemos – afirmou Carlos.

-E a respeito do doutor eu não tenho nada haver – disse Bartolomeu.

-Mas no que diz respeito à prostituta assassinada a sangue frio ontem à noite...O senhor esteve no local onde ela trabalhava e o bolso de paletó encontrado na mão dela tinha as suas impressões digitais – Pedrosa estava bastante sério.

-Impossível! Eu sequer falei com ela – defendeu-se o empresário.

-Então por que este paletó está rasgado à altura do coração? Não havia nele um bolso? - interrogou Carlos observando o paletó do empresário.

Bartolomeu ficou surpreso:

-Mas não foi esse que eu usei ontem à noite! Eu o deixei em meu quarto e esse estava pendurado no vestíbulo, eu juro! Apanhei este no exato momento em que chegaram os policiais! Eu não matei ninguém, não matei!

-Oh, socorro! Dona Marta, me ajude!

Dona Marta correu até a cozinha onde encontrou a empregada se contorcendo no chão.

-Josefa, fale, o que houve?!

-Ai, Jesus! Dona Marta, me leva para o hospital. Eu vou morrer. Está ardendo tudo dentro de mim. Eu vou morrer, socorro!

-Filha! Filha!

-Foi uma sorte muito grande ela ter chegado a tempo – garantiu o médico, da Santa Casa de Misericórdia, a Dona Marta e Dominique a respeito de Josefa. Segundo o médico são raros os casos de pessoas que tenham sobrevivido a uma leptospirose.

-Graças a Nossa Senhora de Nazaré – agradeceu a mãe de Dominique Anquier – Aqueles malditos ratos!

As últimas notícias que recebera sobre Josefa era que ela estava bem. Contudo, além da prisão de Bartolomeu, outro acontecimento preocupava Dona Marta Silva: desde o dia anterior não aparecia em sua casa a secretária da filha. Dominique também estava preocupada com o fato. Onde estaria Aline de Marsay?

9

Carlos Rocha lia alguns documentos em sua mesa quando uma voz sôfrega o desconcentrou:

-Investigador Rocha? Eu preciso contar-lhe algo.

Dominique Anquier repousava em uma poltrona. Tinha nas mãos algumas fotografias do tempo em que morava em Paris. Eram fotografias suas com alguns amigos, com o finado marido Gaston Anquier e com Bartolomeu Dumont. Tinha saudades daquele tempo em que possuía o amor de dois homens. Era bem mais feliz do que agora, quando não tinha nenhum. Acariciou o rosto de Bartolomeu e levou-o aos lábios como se o beijasse em pessoa.

-Estou aqui, Dominique. Satisfaça o seu desejo.

Naquele instante a atriz sentiu um pavor imensurável ao ver a sua frente, pessoalmente, o próprio Bartolomeu Dumont.

-O que faz aqui?

-Fui solto. A polícia achou que não tinha provas suficientes para me manter preso. – respondeu Bartolomeu.

Dominique esforçou-se para sorrir.

-Que bom. Eu estava pensando em você. Pensava num advogado para libertá-lo.

-Agora não preciso mais. A polícia já prendeu o verdadeiro criminoso.

-Verdade?!

-Aline. Você poderia imaginar que a sua secretária fosse capaz disso? – e Bartolomeu fez-se entristecido – Justo ela? Será que não tenho sorte, meu Deus? Você já sabia que Aline e eu tínhamos um caso, não é?

-Ela havia me contado.

Bartolomeu principiou a chorar, desconsolado.

Dominique ergue-se e o abraçou forte. Como ela queria aquilo.

-Eu sinto muito, querido. Seja forte.

-Estou tentando, estou tentando...

-Eu estou de seu lado, sempre estive. – afagava Dominique.

-Obrigado, Dominique. Eu sempre lhe admirei, sempre lhe achei tão...

-Diga, querido. Estou lhe ouvindo.

-Tão sórdida! – Bartolomeu a empurrou sobre a cama.

-Bartolomeu!

-Pare de fingir, Dominique. Você não está mais em um palco. Foi você quem armou tudo isso para me incriminar, foi você! – a mão do empresário estalou ao atingir a alva face de Dominique Anquier – Ordinária!

A atriz permaneceu deitada sobre a cama sussurrando palavras que o empresário demorou para compreender:

-Eu odeio você, Bartolomeu. Odeio você desde o dia que fui trocada por Heloíse. Odeio você!

Ele então a levantou pelos cabelos, possesso, atirando-a no chão.

-Troquei você sim, porque sempre soube que você não prestava, sua porca! Casou-se com Gaston só pelo dinheiro dele. Você o odiava, não gostava sequer do filho que esperava. Aposto que foi um alívio para você perder aquela criança, não foi?

-Foi, foi sim! Mas eu não tropecei naquela escada, eu me joguei, porque a coisa que eu mais desprezava era ter um filho daquele velho imundo. Eu queria ter um filho seu, Bartolomeu, seu! E quando finalmente consegui, Gaston descobriu que eu estava grávida de outro. Por isso eu o matei, eu o matei Bartolomeu! Pareceu suicídio, mas eu o matei, e matei o seu filho quando você me disse que ía se casar com aquela meretriz!

-Chega! Eu já estou farto de ouvir tanta imundície!

-E agora só me resta matar você – gritou Dominique avançando sobre o empresário – Eu mato você!! –Dominique agredia violentamente Bartolomeu.

Naquele momento, o investigador Carlos Rocha invadiu o quarto acompanhado de alguns policiais, conseguindo libertar o empresário. Dominique parecia desesperada, não mais em agredir seu empresário, e sim em se defender:

-Foi ele, investigador; foi esse assassino que tentou me matar. Ele é um monstro, um monstro... – faltava-lhe forças para seguir com as acusações.

Dominique Anquier ficou dois dias sem se comunicar com ninguém. Parecia estar mergulhada em uma depressão profunda, ignorando o que se passava ao seu redor. E sua decisão de falar surpreendeu a todos. Ela foi levada até a sala de Pedrosa, onde o comissário, o detetive Carlos, um escrivão e um guarda ouviam seu relato:

-Ávidos, não? – satirizou a atriz.

-Apenas relate os fatos – ordenou Pedrosa.

-Não diz nada, investigador Rocha?

-Apenas obedeça ao comissário.

Dominique sorriu.

-Tudo bem. Posso começar com "era uma vez"? não, já vi que não. Pois bem, conto. – a partir de então Dominique assumiu um ar frio e determinado: – Eu amava muito Bartolomeu, desde que o conheci no Rio de Janeiro. Ficamos amigos, namorados, noivos. E eu sempre o amando. Achei que nos casaríamos e seríamos mais um casal feliz. Só que todo aquele amor que eu sentia por ele nunca foi retribuído. De um dia para o outro, ele simplesmente decidiu interromper a nossa relação, se afastar de mim, não sei por que. Durante esse período eu conheci Gaston Anquier – rico, inteligente e com uma certa dosagem de charme. Eu já estava noiva de Gaston quando Bartolomeu reapareceu querendo reatar. Fui tola o suficiente para aceitar, tornei-o meu empresário e amante. Durante o tempo que ficamos juntos depois de casada nos divertimos muito, inovamos nossa relação. Mas aí ele a conheceu – atraente, sedutora e ao mesmo tempo recatada e pura. Heloíse parecia ser uma santa...falsa. E o idiota acreditou nela, se apaixonou por ela. Demonstrava por Heloíse um amor que nunca demonstrou por mim, pelo filho que eu daria a ele se Gaston não tivesse descoberto...Pobre Gaston, era esperto demais, tanto que tive que matá-lo. Atirei na cabeça dele e depois coloquei a arma ao lado dele fazendo parecer suicídio. Chorei tanto... – ironizou Dominique – Desde então eu passei a planejar uma maneira de me vingar dele, de fazê-lo sofrer o que eu sofri. Cera vez interpretei um papel no qual uma mulher era acusada injustamente de matar o irmão. Apenas troquei os personagens mantendo o enredo. Seria o fim de Bartolomeu e um novo começo para mim. Entretanto, preferi não me envolver pessoalmente e acabei envolvendo Aline de Marsay. Ela havia me confidenciado, para sua infelicidade, que estava apaixonada por Bartolomeu. Eu estava disposta a eliminar qualquer criatura que cruzasse o meu caminho...Bartolomeu realmente se decepcionou com Heloíse, porém tarde demais. Eu já estava possuída pela vingança. Fizemos novas apresentações e finalmente a caminho de Belém tudo se encaixou em minha mente e se não fosse a ajuda de Aline eu demoraria mais ainda para pôr em prática meu plano. Aline estava convencida de que Heloíse não estava disposta a se divorciar, só para infernizar a vida do marido e aceitou

me ajudar, e se não aceitasse eu a eliminaria também. No dia da última apresentação, ela e o casal Dumont ficaram juntos num camarote. Aline, já sabendo do caso de Heloíse e Fernandes, contou a Heloíse antes do espetáculo que o médico a esperaria no "foyer" do teatro logo após o intervalo e combinou com ela para pedir ao marido que a levasse até a porta do "toilet", de lá ela e Aline seguiriam até onde estava o médico. Heloíse saiu com o esposo e Aline logo depois, encontrou-se com Heloíse e levou-a até o paraíso do teatro dizendo que o médico havia mudado o local do encontro. Lá atirou em Heloíse e a jogou sobre a platéia. Confesso que achei a cena excitante. A principal parte do lano estava concluída. Aline sempre foi muito eficiente; desceu rápido até o primeiro andar e simulou ignorar o que se passava. Mas eu ainda não estava satisfeita, Bartolomeu merecia sofrer muito mais e enquanto Aline de Marsay não demonstrasse medo, ela, que o amava tanto, o faria sofrer. Emprestei uma capa de veludo que oculta quase toda a pessoa que a usa para que ela não fosse reconhecida. Aline então pegou a capa, o revólver que lhe dei, o mesmo que mandou Heloíse para o inferno, e saiu para executar sua missão. Roubou um coche e seguiu o médico pacientemente até o momento exato para dar cabo nele... – parou e ficou olhando para o investigador Rocha tranqüilamente.

-O que foi? – perguntou Carlos.

-Aquela meretriz. Você a conhecia, não é?

-A que foi assassinada? Sim, a conhecia de vista, por quê?

-Nada, curiosidade. Se você soubesse o prazer que tive ao matá-la...Aline já não era mais confiável para o serviço, então eu mesma o fiz. Segui Bartolomeu até a zona de meretrício e quando tive a oportunidade liquidei com a jovem promíscua. Fiz de tudo para que Bartolomeu fosse preso. Rasguei um bolso de um paletó que ele havia usado para incriminá-lo. Foi ótimo vê-lo sendo arrastado pelos policiais. Melhor ainda foi ver mamãe chorando pela prisão de Bartolomeu, sabendo que ele era inocente. Sim, ela sabia que ele era inocente. Certa noite, me ouviu conversar com Aline sobre o caso, chegou a ter mesmo uma de suas crises asmáticas. Velha de sorte. Preparei-lhe uma dose de veneno e pus em seu café, confiante que ela se uniria a meu pai no inferno, mas quem tomou o café foi a empregada da casa, outra sortuda. Graças à mãe chegou a tempo de se curar no hospital, e olhe que eu evitar que isso acontecesse. O efeito do veneno era rápido e semelhante aos sintomas da leptospirose. Eu o comprei em Londres. Ah, lembrei-me de outra sensação prazerosa que tive, a morte de um colega de vocês.

-O quê ? O Lopes?! – surpreenderam-se os policiais.

-Esse mesmo. Aline comprava informações dele. Ela me contou que só precisou trocar algumas carícias com o pilantra. No começo, ele cobrava pouco dinheiro, que eu dava, claro, e alguns beijos com Aline. Depois passou só a cobrar o dinheiro, cada vez mais, até que decidi calá-lo também. Como ele não me conhecia pessoalmente, fui até a pensão onde morava e, mais uma vez,

esperei; entrei rápido no quarto dele, quando uma senhora saiu da sala, e o degolei. A porta da pensão ficava aberta e eu podia ver tudo na rua de onde estava. Confesso que tive medo que alguém me surpreendeu, mas tudo saiu direito.

-Que dizer que foi você? – para Carlos aquilo não era verdade. Nada daquilo era verdade. Não com Dominique cometendo aqueles crimes.

-Não pode ser – disse o investigador.

-Como não? Quer dizer que me esforço tanto para matá-lo e você não acredita? Francamente. Não me diga que você não acredita que matei Aline? Isso é o bastante, quero voltar para minha cela já. Falei muito por hoje.

O comissário concordou e chamou um guarda para levar a atriz de volta à sua cela.

Antes de ser levada porém, Dominique se dirigiu a Carlos:

-Seu irmão me pareceu bem mais esperto que você. Bem mais bonito também – e ordenou ao guarda que segurava seu braço: – Solte-me, não preciso de ninguém para me conduzir, sei o caminho.

Dominique Anquier deixou a sala do comissário com a mesma soberba que subia aos palcos para representar. Entretanto, dessa vez ela não havia interpretado outro papel que não fosse o dela própria, o de Domênica Silva, ou melhor, o de Dominique Anquier, musa do teatro internacional.

11

Josefa atendeu a porta, era o investigador Carlos Rocha perguntando por Dona Marta. A criada o fez aguardar a patroa na sala de estar.

Dona Marta ficara muito abatida desde a prisão da filha. Passava a maior parte do dia trancada em seu quarto orando por ela. Mesmo assim desceu para receber o policial.

-Bom dia, Dona Marta.

-Sente-se, investigador. Como tem passado?

-Muito bem, obrigado.

-E o que o traz aqui?

-Na verdade não vim à sua casa por um bom motivo. Eu tenho uma notícia desagradável para lhe dar – iniciou Carlos.

-Eu já sei. – falou a mulher melancolicamente – Minha filha está...

-Morta – completou Carlos.

Dona Marta fez que sim com a cabeça, tristemente.

-Eu a vi esta noite em meus sonhos. Estava tão arrependida. Como ela morreu?

-Enforcou-se com a própria roupa esta madrugada. Eu lamento.

Dona Marta mirou uma fotografia da filha em uma moldura pendurada na parede e disse:

-Não, não sente. Para ser sincera nem eu sinto a morte dela. Ela já não era mais minha filha Domênica, até de nome trocou. Quem morreu foi Dominique Anquier, atriz homicida. Domênica Silva, a minha filha, viajou para a França e nunca mais me escreveu. Deve estar lá passeando ainda. Sabe investigador, quando eu ouvi Dominique ameaçando a secretária, dizendo que destruiria a vida da pobre, eu logo percebi que aquela não era minha filha. Domênica jamais mataria alguém, não faria o que fez com Bartolomeu, não tentaria matar a mim, sua mãe! Ela estripou a secretária e escondeu o corpo no sótão. Quando comecei a sentir o odor disse que eram os ratos. E de fato eram. Quando eu subi para verificar vi dezenas deles sobre o corpo de Aline de Marsay – as lágrimas começaram a escorrer pelo rosto da mulher – Foi-me doloroso até a alma, mas quando percebi que ela representava um perigo a todos, que ela tinha matado e chantageado eu não tive outra alternativa a não ser denunciá-la. Eu ouvi ela dizer à Aline que havia matado o marido e que desde então sua vida se transformara e que caso Aline não a obedecesse seria morta, o senhor percebe o quanto aquilo me machucou? Domênica não faria aquilo, não tentaria me matar, mas Dominique tentou. Eu não podia deixá-la impune. Não podia! – a emoção não permitiu que Dona Marta continuasse a falar.

Carlos a conduziu até seu quarto e depois chamou a empregada para que ela fizesse um chá calmante para a patroa. Trazido o chá, o investigador tratou de oferecê-lo à Dona Marta. Sentia pena daquela senhora, sabia que a perda dela fora muito grande. Se ele perdera uma paixão, ela perdera duas vezes a filha – para o crime e para a morte.

Dona Marta tomou o chá e agradeceu ao investigador:

-Muito obrigada pela gentileza. Eu vou ficar bem.

-Procure descansar, D. Marta.

-Eu descansarei. A propósito, Bartolomeu enviou-me uma carta. Está em São Paulo. Arranjou uma sociedade numa loja e está trabalhando. Espero que seja feliz.

-É o que esperamos de todos, D. Marta – afagou Carlos.

-Até mesmo de Domênica – disse a mulher.

-E de Dominique também – completou Carlos se retirando do quarto.

Carlos Rocha deixou a casa de Marta Silva e seguiu caminhando lentamente pela avenida Quinze de Agosto. Ía despreocupado pensando na vida, no serviço, no amor; enfim, ía pensando...

Apêndice

Na manhã seguinte, assim que chegou o diretor do Teatro da Paz, o vigia que ficara ali à noite correu até a diretoria, ofegante:

-O que aconteceu? – perguntou o diretor do teatro.

-Eu vou-me embora e nunca mais volto aqui.

-Por quê?

-Eu juro que não deixei ninguém entrar, ninguém; mesmo assim uma mulher passou a noite toda chorando no palco. Ela só sabia dizer: "Bartolomeu, me perdoa. Bartolomeu, me perdoa!" ...

***

Sobre o Autor e sua Obra

Felipe Blanco

Nasceu em 1981, em Belém. Estudante de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará – UFPA, venceu em 1999 o V Concurso de Redação do Círio de Nazaré, realizado anualmente para homenagear a padroeira do Estado do Pará, e teve publicada a redação vencedora Círio: manifestação de amor e de fé à Nossa Senhora e a poesia Mãe.

Condessa é o seu primeiro romance. Escreveu algumas crônicas, peças teatrais e pequenos contos, além de outros dois romances.

Para corresponder com Felipe Blanco, escreva: felblanc@ig.com.br